

A Educação Musical no Espaço de Atendimento Multidisciplinar Autista Amigo Ruy

Lucyanne de Melo Afonso
Universidade Federal do Amazonas
lucyanneafonso@hotmail.com

Danielle Collares Lins
Universidade Federal do Amazonas
daniellecolares_lins@yahoo.com.br

Rosângela Silva
Universidade Federal do Amazonas
rosangelasilva_92@hotmail.com

Evellyn Ferreira
Universidade Federal do Amazonas
evellyn10.ferreira@gmail.com

João Paulo Dias da Silva
Universidade Federal do Amazonas
paulodiasmusica85@gmail.com

Comunicação

Resumo: O relato apresenta a prática de estágio supervisionado em música no Espaço de Atendimento Multidisciplinar Autista Amigo Ruy realizada no semestre 2016/2. As atividades foram desenvolvidas a partir da cartilha musical que aborda sobre a construção de instrumentos de sucata, as lendas amazônicas e as adaptações de atividades musicais conforme as características dos personagens das lendas. A prática de ensino musical para autistas colabora para o desenvolvimento de suas habilidades motoras, cognitivas, sociais e afetivas, integrando-o de forma sensorial, comunicativa e social.

Palavras chave: Autismo; Educação Musical; Estágio Supervisionado.

1. Autismo, Música e Integração Sensorial: Contextualização do Relato

O termo autismo vem do grego “autós” que significa “de si mesmo”. Em 1906, Ploullier inseriu o termo autista na literatura psiquiátrica. Bleuler, em 1911, foi o primeiro a difundir o termo autista para referir-se ao quadro de Esquizofrenia. Leo Kanner (1943), psiquiatra

austriaco, diferenciou do quadro de esquizofrênicos e denominou como “distúrbio autístico do contato afetivo.

O transtorno do espectro do autismo tem o comprometimento em três áreas principais: 1) Alterações qualitativas das interações sociais recíprocas; 2) Modalidade de comunicação e 3) Interesses e atividades restritos, estereotipados e repetitivos. Gilbert (2001, p.13 apud SÁ, 2003, p.96) conceitua o autismo como uma síndrome que engloba uma tríade: “uma síndrome comportamental que engloba a tríade de interação social, restritos em ambos os sentidos, comunicação verbal e não-verbal restrita e repertório imaginativo/comportamental restrito”.

Desta forma, a música pode contribuir para diminuir estes comprometimentos no autista, possibilitando o desenvolvimento de potenciais e restabelecendo funções para que ele possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, em consequência, uma melhor qualidade de vida. Para Sá (2003) a música, assim como o autista, possui repetição, independente de escola ou período, podendo ser notada nas células rítmicas, nos movimentos melódicos, nos timbres, nos elementos que pertencem e formam a música.

A repetição é uma constante na expressão dos autistas e na própria música, uma repetição do mesmo, de algo já visto ou ouvido. Entre os autistas, uma repetição se apresenta através de gestos, de suas produções sonoras, de ritmos, de suas danças, de trechos musicais, de fala. Na música, independente de sistema, escola, ou período, a repetição pode ser notada em células rítmicas, motivos melódicos, seleção de timbres, sonoridades, espacialidades, temporalidades etc. Esses elementos que retornam soam como algo já conhecido. (SÁ, 2003, p. 145) [grifo nosso]

Portanto a repetição está presente na música e no autista, assim como o silêncio e o tempo. Cada tempo é precioso e individual. Cada ser humano tem seu tempo interior, que lhe é natural. De acordo com Howard (1984) “cada tempo é algo diferente no ser humano; é por essa razão que a música exerce efeitos diversos sobre todos os indivíduos” (p. 65). A partir de toda essa rede de relações sonoras e sensoriais, que expressamos e mostramos nossa personalidade e também como ela é construída através dos sons. Assim também acontece com uma criança autista: tem seus sons internos e pode se expressar através deles: mesmo sendo um ruído, uma

expressão sonora e corporal ou mesmo um pequeno gesto simbólico é a forma como se comunica e socializa suas emoções e sensações.

Para Drummond e Resende (2008, p. 38) “o nosso mundo é sensorial, como discutido por Ayres (1972a), uma das demandas mais básicas de nossa existência é interpretar e responder a estímulos sensoriais”. Assim o meio, os movimentos, as ações se tornam dependentes para interpretar nossas informações sensoriais.

Integração sensorial é um processo natural, biológico, que nos permite focar atenção e responder continuamente às demandas do ambiente. Nesse sentido, todas as nossas ações, não só em termos de movimentos corporais, mas também em processos de aprendizagem e formação de conceitos, são dependentes da capacidade para interpretar informações sensoriais. **Informações, estas, provenientes do meio e de nossos movimentos e ações sobre materiais e objetos.** (AYRES, 1972a apud DRUMMOND e RESENDE, 2008, p. 38) [grifo nosso]

Temos que dar possibilidades sensoriais para as crianças desenvolverem a linguagem, a comunicação, a expressão. E a música é uma grande aliada no processo da integração sensorial através dos sons, das canções e dos instrumentos musicais.

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar as metodologias utilizadas com crianças autistas trabalhando a integração sensorial através dos sons, das canções e dos instrumentos musicais, utilizando atividades musicais com ritmo, imagem, linguagem e som, ajudando na integração sensorial e no desenvolvimento da afetividade, da comunicação, da atenção e da relação social.

Uma parte da carga horária do estágio supervisionado em música foi realizada em uma instituição não formal, o Espaço de Atendimento Multidisciplinar Autista Amigo Ruy¹ (EAMAAR), esta instituição foi escolhida pelo grupo de alunos para realizar as atividades pedagógicas musicais a crianças autistas.

O EAMAAR foi inaugurado no dia 2 de Abril de 2013, atende crianças de seis meses aos 14 anos, composto por uma equipe multidisciplinar, tendo parcerias com as secretarias municipais de Assistência Social e Direitos Humanos (Semasdh), Saúde (Semsa) e Educação (Semed). A estrutura do abrigo constitui de 5 salas de atendimento, área de lazer, quadra

poliesportiva e piscina, além de consultório odontológico para atender inicialmente 80 crianças por dia. Fica localizado no bairro Alvorada, zona centro-oeste de Manaus.

2. ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM MÚSICA EM INSTITUIÇÃO NÃO FORMAL

As ações do Estágio em música, no semestre de 2016/2, fizeram parte do cotidiano das ações do Espaço de Atendimento Multidisciplinar, todas as sextas pela manhã as crianças presentes participavam das atividades musicais. O material pedagógico de base para aplicação das atividades foi a cartilha musical fruto do projeto de extensão *Instrumentos e Engenhocas Musicais*ⁱⁱ realizado em 2011, aliando conceitos de educação ambiental à proposta do método Orff de educação musical.

A música elementar oferece oportunidades para vivências significativas, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. [...] Assim, a música elementar desencadeia a base e as disposições a partir das quais futuras experiências artístico-musicais podem se desenvolver, pois as vivências musicais da infância passam a ser referência para o adulto. (BONA, 2011, p.140)

As atividades musicais realizadas no EAMAAR levaram em consideração essa música elementar das crianças autistas, experimentar e vivenciar variadas formas do sonoro, assim como trazer suas sonoridades e musicalidades contribuiu para o desenvolvimento de sua personalidade e para ter referências desse mundo sensorial e sonoro.

O planejamento foi realizado de acordo com a leitura das atividades, confecção de material, ensaio das músicas para apresentação e elaboração das atividades de fixação. As atividades eram realizadas de acordo com a cartilha, bem como eram ouvidas as sugestões da pedagoga especialista em educação especial Solange Oliveira, muito nos auxiliou para podermos adentrar o universo dos jovens autistas.

A primeira intervenção foi a oficina de construção de instrumentos musicais realizadas com os pais, os instrumentos seriam utilizados nas atividades e para uso no cotidiano em sua casa com a família.

Figura 1: oficina de construção de instrumentos com os pais.



Fonte: Solange Oliveira (2016).

As atividades musicais eram realizadas para as crianças que estavam no aguardo de suas consultas de rotina acompanhados dos pais, era um momento de intensa movimentação, sendo assim aproveitávamos o momento para gerar uma situação propícia de descontração e aprendizagem.

Iremos apresentar as atividades desenvolvidas no EAMAAR a partir da cartilha musical sobre as lendas amazônicas e as adaptações para a educação musical.

2.1 Lenda da lara

Objetivo: Conhecer a lenda da lara; identificar a intensidade e altura de sons, desenvolvendo também a coordenação motora, atenção e concentração.

Figura 2: Atividade da Lenda lara.



Fonte: Solange Oliveira (2016).

Procedimento: Iniciamos contando a lenda de forma simples para que todos compreendessem. Após o término da história, apresentamos uma atividade musical em que as crianças participaram batendo os pés no chão para sentirem a diferença entre forte e fraco de acordo com o que for pedido, relacionando a intensidade também com o canto. Para trabalhar a altura, pedimos às crianças que fizessem movimentos como se estivessem penteando os cabelos da lara, relacionando o comprimento dos cabelos com os sons agudos, médios e graves. Para finalizar, cantamos a canção CARANGUEJO usando os instrumentos musicais. Ao final, as crianças queriam pintar, então trouxemos o desenho da lara e pintavam a sua preferência.

2.2 Lenda do Boto

Objetivo: mostrar a lenda do boto e qual a função dele perante a natureza; identificar o timbre, a altura e a duração do som a partir da relação de diferentes chapéus.

Figura 3: Atividade musical com os chapéus.



Fonte: Rosângela Silva (2016).

Procedimento: para contar a lenda utilizamos a encenação teatral, mostrando através do teatro como era o boto, qual a sua função na natureza, sendo o chapéu um objeto que faz parte de seu adereço. A partir dessa vivência, utilizamos três chapéus de diferentes tamanhos para

relacionar sua textura, forma e cores com conceito de timbre: o pequeno representava o timbre agudo, o chapéu de tamanho médio representava o timbre médio e o chapéu grande representava o som grave; logo após essa atividade, ensinamos a música a *canoa virou*, música que fazia parte do repertório das crianças, ensinamos a letra da música, parte por parte e, em seguida, utilizamos os instrumentos com sucatas, construídos juntamente com os pais na primeira oficina, e ao final da atividade, cantamos e tocamos todos juntos.

2.3 Lenda do Curupira

Objetivo: apresentar a lenda do curupira com atividades musicais; perceber a intensidade e altura dos sons a partir da lenda do curupira.

Figura 4: Pés do Curupira e a duração do som.



Fonte: Rosângela Silva (2016).

Procedimento: Num primeiro momento contamos a lenda, em seguida foram feitas perguntas de interação e fixação: Como é o pé do Curupira? Por que o curupira é amigo da natureza? O pé é a parte mais notável do Curupira: os pés virados para trás. Levamos as crianças a perceberem as batidas dos pés no chão para sentir a diferença entre forte e fraco. Na sequência, mostramos os pés do curupira e as crianças relacionavam a intensidade do som com o tamanho do pé no desenho.

2.4 Lenda da Vitória Régia

Objetivo: apresentar a lenda da Vitória Régia com atividades musicais com intuito de conhecer e resgatar a cultura popular através das diferentes formas de expressão e manifestações folclóricas.

Figura 5: crianças do EAMAAR com os instrumentos confeccionados pelos pais.



Fonte: Rosângela Silva (2016).

Procedimentos: Após preparar o espaço para as atividades convidávamos os pais e crianças a assistir uma peça teatral com adaptação para teatro de fantoches, contando uma lenda folclórica. Para fixação e interação eram feitas perguntas: Quem é a Vitória Régia? Alguém já viu uma Vitória Régia? Quem já viu o reflexo da lua no rio? Foi interessante quando se falou da natureza e suas características, estimulando-os a participarem das atividades aos quais foram associando com o seu cotidiano, resgatando de suas memórias algo que já havia vivenciado. A dramatização permitiu criar conexões de informações através de todo trabalho já desenvolvido desde a primeira oficina de musicalização, agregando conhecimentos de experiências vividas, de suas memórias afetivas, isso fez sentido para eles, contextualizando a história com a própria história de vida de cada criança.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A experiência em ministrar as atividades no EAMMAR foi singular, principalmente a nós alunos do curso de licenciatura em música, pois provavelmente lidaremos com educação especial, nesta situação, tivemos a oportunidade de experimentar o ensino da música.

Havia casos em que algumas crianças não conseguiam se concentrar na atividade, nestes casos, a pedagoga Solange Oliveira nos informava que eram crianças que ainda não haviam passado pelo profissional que os ajudaria no processo de interação, permanecendo na atividade somente as crianças que já se encontravam neste processo.

A interação dos pais foi importante, participando de forma efetiva. A espera na recepção para serem atendidos pelo médico, se tornou um momento de aprendizagem, pois participavam junto dos filhos das atividades musicais, lúdicas, brincadeiras, perceberam que as atividades musicais proporcionaram a interação de seu filho com outras crianças e que sua participação facilitou o convívio social e suas habilidades motoras.

Para os pais que participaram das atividades, esse contato foi enriquecedor para o desenvolvimento dos filhos e satisfatório pela troca de experiências de cada um, sendo que algumas delas ainda estavam no seu primeiro atendimento médico: à espera de um diagnóstico ou ainda nem se quer foi encaminhada para uma terapia e dentro de um pequeno espaço a criança estava sendo estimulada sensorialmente, respondendo aos estímulos se sentindo motivados e acolhidos.

Para os estagiários a parceria dos pais facilitou na execução da proposta por conhecerem a rotina de seus filhos, trocas de experiências e informações foi fundamental nesse processo de aprendizagem. Depoimento de uma mãe: *meu filho nunca pintava, não demonstrava interesse nenhum e através desses encontros, dessa interação com as outras crianças ele pinta direitinho, me deu uma resposta diferente e isso me deixou muito feliz.*

De uma maneira geral, houve um aprendizado recíproco: para os pais que puderam participar e conhecer o universo musical, desde à construção; para as crianças que aprenderam além das lendas, a tocar um instrumento de percussão; e para nós, futuros educadores, aprendemos a ver com outros olhos a importância da educação especial e perceber como é o processo de aprendizagem: algumas aprendiam mais rápido que outras na parte rítmica com o instrumento. Quando não conseguiam, pegávamos na mão dela e ensinávamos o ritmo.

E, desta forma, pudemos perceber a importância do conhecimento da educação especial, o conhecimento sobre os autistas e o planejamento adequado das atividades, pois somente assim é possível ter uma eficiência na realização de qualquer atividade musical e pedagógica e que alcance as individualidades dos autistas e o coletivo, promovendo a eles um momento de aprendizagem e interação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças autistas precisam de uma educação de qualidade, o professor deve ter preparo pedagógico e musical para ensinar música, ter um olhar diferenciado, ter sensibilidade e acolher como qualquer outra criança. Tivemos a oportunidade de compartilhar conhecimentos e a música possibilitou trabalhar várias competências, facilitando a assimilação de conceitos e cada construção passa pela afetividade, por uma ligação emocional, quanto mais se conecta o conhecimento de forma emotiva, positiva, agradável, mais promove-se o desenvolvimento dessa criança, pelo fato de estar engajada dentro desse ambiente acolhedor.

Desta forma, a criança se sente confiante, melhora sua autoestima na busca de aprender, sem medo, porque aprender é prazeroso e agradável. Todas tem capacidade, basta estimular e oferecer as ferramentas necessárias ao desenvolvimento de suas competências de natureza social, emocional e cognitiva e, principalmente, o preparo pedagógico e musical do professor de música.

REFERÊNCIAS

BONA, Melita. **Carl Orff: um compositor em cena**. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibepex, 2011. (Série Educação Musical)

DRUMMOND, Adriana de França; REZENDE, Márcia Bastos. **Intervenções de Terapia Ocupacional**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

HOWARD, Walter. **A Música e a Criança**. SP. Summus Editorial, 1984.

SÁ, Leomara Craveiro. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia.** Goiânia: Ed.UFG, 2003.

ⁱ O nome da instituição tem o nome do filho do radialista Ronaldo Tiradentes (diretor da rádio CBN-Manaus) que é portador do transtorno.

ⁱⁱ Projeto de extensão coordenado pela Professora MSc. Lucyanne de Melo Afonso. A cartilha está dividida em duas partes: O método Orff de educação musical; coleta e seleção das sucatas; construção dos instrumentos; descrição das atividades organizadas a partir das lendas; canções folclóricas e o instrumental Orff; a partitura Orff das canções.